

- Mittelateins*. Uppsala, Leipzig: A. B. Lundequitska, O. Harassowitz, 1943.
- SAINIS, Matti A. *Semasiologische Untersuchungen über die Entstehung der christlichen Latinität*. Helsinki: Sumolainen Teideakatemia, 1940.
- SCHRINGEN, Jozef. *Charakteristik des altchristlichen Lateins*. Nijmegen: Dekker & van de Vegt, 1932.
- STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Wiedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957.
- VALLE, Rosalvo do. *Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1975.

## NOTAS

- <sup>1</sup> - A parte inicial deste artigo está publicada, com algumas alterações, na obra *Atualizações da Idade Média*. Cf. as Referências Bibliográficas indexadas ao fim deste trabalho.
- <sup>2</sup> - Cf. MOHRMANN, C. (1955: 37-54). Todas as opiniões, a seguir, dos estudiosos sobre o conceito de latim medieval foram retirados da obra acima mencionada, p. 37-40.
- <sup>3</sup> - Contudo, é imprescindível que tenhamos em mente as diversas épocas dentro do medievo, em que o latim foi utilizado. Apesar de nossa conceituação generalizante, estamos cientes de que à época do texto egeriano, século V, ainda nos situamos entre a Antigüidade Tardia, com uma expressão lingüística que podemos denominar “latim tardio”, e a Alta Idade Média, cujo marco cronológico e lingüístico para nosso entendimento do latim medieval é o ano de 476. A afirmação desta nota prende-se à língua latina utilizada no medievo principalmente a partir do século X.
- <sup>4</sup> - As informações aqui coligidas provêm de NORBERG (1968: 72 e ss.), LANGOSCH (1988: 53-60) e MOTTA (1982: 37-61).
- <sup>5</sup> - Correntemente dir-se-ia em português “Limpa a faca, procura um pedaço bem macio / Mas com o garfo, coloca-o depois no teu prato.”
- <sup>6</sup> - Este fenômeno também está presente na *Peregrinatio*. Cf. VALLE, (2005, p.97-98)
- <sup>7</sup> - Devido à semelhança de formas com o português atual, mantivemos no original os vocábulos listados neste item.
- <sup>8</sup> - Cf. item e), p.7 deste artigo.

## A TRADIÇÃO CLÁSSICA COMO TOTEM IDENTITÁRIO OCIDENTAL

Prof. Me. Luiz Fernando Dias Pita (PG-UFRJ/ FFSD/ UERJ)

### RESUMO:

O *Diccionario didáctico Latín-Español/Español-Latín* organizado por Concepción Maldonado traz uma seção destinada a explicar diversos aspectos culturais da Antigüidade: é neste momento que uma das ilustrações se apresenta como representação ideal e sintomática para o tema deste trabalho: dois homens, - de pé e trajados à grega e à romana - dirigem-se diretamente ao leitor e fazem, em unísono, a declaração:

Una civilización no es sólo dinero y poder. Los griegos fuimos sagaces hombres de negocios. Los romanos construimos un vasto imperio...

Pero si no hubiéramos hecho más que eso, estaríamos ahora tan muertos como los asirios. Si todavía vivimos a través de vosotros es porque nos dimos cuenta de que la *civilización* significa *educación*, la vida del espíritu. (MALDONADO: 2002: 741)

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; helenização; Grécia e Roma.

Tal afirmação de nosso resumo explicita dois pontos *sine quibus non* da concepção que o Ocidente tem de si e que tomaremos como axiomas: a fala das alegorias da *charge* associa os conceitos de *civilização* e de *educação*; propondo ser aquele um derivado deste.

Na *charge* também se reivindica a condição de ser a civilização ocidental herdeira da greco-latina. Condição reafirmada nos textos presentes na mesma página: a ilustração de uma folha de caderno em que se lê: “Griegos y romanos llamaban *bárbaros* a los que hablaban una lengua extraña y no participaban de su civilización. Nuestras lenguas románicas proceden del latín y nuestros términos científicos proceden del griego”. Sem concessões, a página ainda traz em destaque o célebre verso horaciano “*Graecia capta ferum uictorem cepit.*” que tem sido usado historicamente para celebrar a permanência da cultura grega e o fato de ser esta a base da cultura ocidental.

Se já não bastassem os dois postulados acima, a leitura das páginas iniciais da *Histoire de France*, de Jacques Bainville não só traz a mesma reivindicação como vai além; fazendo da herança greco-latina a chave da superioridade de sua civilização:

A qui devons-nous notre civilisation? A qui devons-nous d’être ce que nous sommes? A la conquête des Romains. (...) A cette conquête, nous devons presque tout. Elle fut rude: César avait été cruel, impitoyable. La civilisation a été imposée à nos ancêtres par le fer et par le feu et elle a été payée par beaucoup de sang. Elle nous a été apportée

par la violence. Si nous sommes devenus des civilisés supérieurs, si nous avons eu, sur les autres peuples, une avance considérable, c'est à la force que nous le devons. (BAINVILLE, 1924: 11-12)

Escrito quando a França ainda colhia os louros de sua vitória em 1918, este texto comporta duas idéias incontornáveis: a de que a conquista romana tenha sido um acontecimento civilizador – ainda que cruel e sanguinário – e a de que a civilização comporta e leva à superioridade sobre os demais povos.

Se tais exemplos ratificam o fato de o Ocidente crer-se descendente direto das culturas da Antigüidade, e isso teria marcado sua conduta - e a História humana – nos últimos quinhentos anos, atentemos também que o epíteto “clássica”, aplicado à Antigüidade greco-latina, e sua eleição como modelo referencial do Ocidente foi resultante de processo histórico que pretendemos esboçar. Cremos na relevância do tema por estarmos – a América Latina – orbitando ao redor da civilização ocidental enquanto este orbita ao redor da clássica. Isto já reforça o desejo de compreender estes a quem se tomou/toma por modelos; convindo, sobre isso, reportarmo-nos a Virgínia Fontes

O modelo jamais é idêntico, por definição, à realidade observada. Ele permite captar a dinâmica – movimento de um conjunto – ou a estrutura – formas de articulação de um grupo de fenômenos. Mas, em sua elaboração, o modelo remete necessariamente a formas específicas – *a priori* - de apreensão da realidade. (FONTES, 2002:356)

para termos a consciência de que a visão construída sobre o Ocidente – e sobre a Antigüidade – não necessariamente corresponde à realidade: à civilização clássica *de fato* existente, o Ocidente construiu – para elevá-la à condição de seu modelo – toda uma visão apriorística de uma Antigüidade *de direito*, da que reivindica a herança. Do mesmo modo, pode-se perceber que esta Antigüidade, construída, muito pouco nos revela da dinâmica e da estrutura – no sentido usado por Virgínia Fontes – das civilizações reais da Antigüidade.

Se não podemos revelar aqui esta dinâmica e estrutura, traremos à baila o processo porque o Ocidente constrói sua imagem do mundo clássico. Logo, optamos por realizar uma abordagem histórica dos processos de constituição do Ocidente enquanto entidade socio-política autônoma; da busca, por parte do Ocidente, de uma identidade cultural que explicasse, embasasse e justificasse aquela mesma autonomia; e do processo pelo qual o Ocidente, durante o Renascimento, encontra na Antigüidade clássica o cerne dessa identidade e a eleva à condição de seu tótem identitário. Cremos que este processo não é de modo algum uniforme, podendo dividir-se em fases nas quais não apenas a visão do Ocidente sobre si se constrói e se modifica, mas também a visão e a análise que

produz a respeito do mundo antigo - e de sua configuração como um universo “clássico” - também será alvo de reconsiderações, e mesmo de alterações que consideramos substanciais.

Iniciemos pensando como o Ocidente chega a definir-se: abusando de rigor geográfico, podemos afirmar que uma das diferenças fundamentais entre o mundo antigo e os que lhe sucederam é que aquele tinha o Mediterrâneo como sua artéria principal: as civilizações antigas constituíram-se à volta do *Mare Nostrum* e são suas devedoras. Não percamos de vista o grande intercâmbio cultural que se dá na Antigüidade, iniciado sobretudo pela expansão comercial marítima de fenícios e de gregos, intensificado quando Roma logra, *manu militari*, a unificação política, social e econômica, de todos os seus portos: os séculos de *Pax Romana* farão plasmar, sob a égide greco-latina, os superstratos das demais culturas mediterrânicas.

Neste aspecto, embora fraturassem a unidade política e arruinassem as rotas comerciais, nem mesmo a divisão do Império por Constantino ou a invasão do Império do Ocidente pelos bárbaros romperá a unidade cultural. A constituição, em províncias outrora romanas, de reinos bárbaros com território cujas fronteiras iam além-Reno ou além-Danúbio, e que sofriam constante processo de aculturação pelo orbe greco-latino, antes ampliavam, mesmo alterando, o diâmetro do universo cultural mediterrânico, constituído neste momento sob a égide de um cristianismo que ainda não se cindira entre romanos e ortodoxos.

A cisão definitiva do universo cultural centrado no Mediterrâneo se dá quando da irrupção expansiva do Islã (632): não se tratava apenas de invasões e conflitos dinásticos e/ou territoriais a mover as fronteiras. Introduz-se uma nova fé, base de todo um novo universo cultural e que se expande movida, a princípio, por um povo – o árabe – que mal fora “contaminado” pela cultura do Mediterrâneo.

Ante a ameaça árabe e as constantes reivindicações territoriais bizantinas, o Ocidente produz – por ação direta da Igreja católica - sua primeira organização política temporal que, apesar do nome “saudosista” - Sacro Império Romano Germânico (800) – não tem seus eixos de poder centrados no Mediterrâneo.

Apesar de pretender-se continuidade do Império do Ocidente e visar a reunificação com Constantinopla, o Sacro Império prefere antes expandir-se pela Europa Central, através das guerras feitas por Carlos Magno aos saxões, a combater o Califado.

Se o Sacro Império desvincula politicamente a Europa ocidental do Mediterrâneo, vai mais além: se sua criação marcara o surgimento do Ocidente como unidade política autônoma, teremos a ruptura definitiva quando o Cisma de 1054 trouxe também a divergência religiosa e cultural em relação a Constantinopla, cindindo a Europa em oriental, centrada nesta cidade; e ocidental – sob a égide da Igreja Católica e de seu braço temporal - o Sacro Império - alijada de todo o manancial da Antigüidade que em Constantinopla então ainda se preservava. Assim, a primeira das marcas culturais do Ocidente será a religiosa: o catolicismo romano será o

primeiro traço ideológico usado para a construção de um *mito*<sup>1</sup>, como nos explica o historiador francês Gérard Mairet:

Historiquement, donc, le mythe a vécu dans les énoncés idéologiques de l'Europe (qui, dans l'Antiquité, n'était qu'un territoire barbare), c'est-à-dire, en fait, de sa supériorité et de son éminence. Entre l'Europe antique et l'Europe moderne, il y a cependant la médiation de la Chrétienté, c'est-à-dire la valorisation de l'Occident. Ce mythe que l'on pourrait dire affectif suppose une évaluation; sa "réussite" consiste à donner du poids à cette évaluation: *l'Europe (chrétienne) est le mythe devenu territoire*. Le mot *Occident* était bien connu de l'Antiquité; la chose, elle, est médiévale en son origine; il s'en faut de beaucoup qu'elle le soit en son fond: le XX<sup>e</sup> siècle demeure tout imprégné de son nom. Quoi qu'il en soit, c'est bien pourtant le Moyen Age chrétien qui fait d'un simple mot un *nom*. (MAIRET, 1978: 26)

Mesmo já existindo em mito e território – segundo a afirmação de Mairet - o segundo milênio encontrará um Ocidente já esfacelado pela divisão do Sacro Império, mas ainda buscando, a par da autonomia política, justificativas culturais para esta própria autonomia. Depara-se pois o Ocidente com um “vazio identitário”: pois se Constantinopla valia-se de ser ainda – ao menos nominalmente – o Império Romano do Oriente, e o Califado tinha no Islã sua justificativa, que caminho restaria ao Ocidente para definir-se?

A primeira resposta à pergunta acima, e conseqüente marca inicial de individuação do Ocidente, se dá em torno à Igreja e ao Papado: por contrapor-se este ao mesmo tempo ao Islã e ao cesaropapismo bizantino, e é por tal razão que a Igreja pôde, durante toda a Idade Média, mas em maior grau dos séculos IX ao XII, usufruir de uma autoridade ímpar, comprovável pelo apelo às Cruzadas, que é aceito com grande fervor. Note-se contudo que as conquistas dos cruzados não visavam restaurar o mundo mediterrânico - cujo controle era desejável por razões sobretudo táticas - mas expandir o mundo ocidental.

Ainda sobre esta expansão, comentemos que esta se configurava também na própria Europa, com o início do processo de formação dos estados nacionais: seja pela centralização do poder real, seja pela criação de novas nações no ocidente europeu, como os reinos de Inglaterra, Escócia, Portugal e os que formarão a Espanha, o eixo de poder e de produção cultural europeus desloca-se, lenta porém inexoravelmente, do *Mare Nostrum* para o Mar Tenebroso: pois são as nações da costa atlântica que capitanearão esse momento da história europeia, num *crescendo* de importância de que as Grandes Navegações serão o entronizar.

No entanto, à força do maior contato com as civilizações islâmica e bizantina, (re)toma o Ocidente, a partir do século XII, contato com o passado: o

mundo mediterrânico – Grécia e Roma, subentendido – volta à tona, de início paulatinamente, através de conquistas ocasionais como o Reino de Jerusalém e a tomada de Toledo - e todo o repertório de sua Escola de Tradutores - pelos castelhanos. Essa emersão, contudo, pela riqueza cultural que demonstra e pela efervescência que provoca, a par dos avanços tecnológicos importados do Oriente distante e/ou resgatados da Antigüidade via mundo árabe, já basta para pôr em xeque o conceito de uma unidade do Ocidente construída apenas em torno do universo estático proposto pelo catolicismo romano. Ademais, o impacto trazido por estas novas tecnologias será tão grande que não será gratuitamente que Rafael colocará Avicena, Averróis, Al-Ghazali e Maimônides em sua *Escola de Atenas*: era mister colocar entre os sábios recém-descobertos da Antigüidade aqueles que haviam colaborado decisivamente para sua preservação.

Entretanto, a ampliação da área do universo cultural e tecnológico da Europa Ocidental modificará a percepção que o homem – desta região – tem de si próprio e do universo, criando novos espaços identitários que já não podem ser preenchidos unicamente pelo traço religioso. Logo, se novas características deverão ser incorporadas à identidade europeia, para dar conta destas transformações, vem à pauta a questão: onde buscá-las?

Se a busca por novos subsídios para a form(ul)ação de uma identidade é sobretudo filosófica, caberá inicialmente aos pensadores de meados do século XII assumir esta empreitada, e aí o recurso ao conhecimento da Antigüidade apresentar-se-á como via preferencial para tais inquietações<sup>2</sup>. Cumpre porém estabelecer que os limites dessa busca e o raio de alcance de seus efeitos.

Os limites com que estes pensadores se defrontavam eram o de seu próprio desconhecimento da Antigüidade, pois podiam trabalhar apenas com aquela parcela de conhecimento escrita em latim, assim, se se acusa estes pensadores de construir uma visão errônea e incompleta da Antigüidade, resta-nos dizer, com Lefebvre (1974) que esta acusação

no es justa con respecto a los hombres de la Edad Media; éstos admiraban la Antigüedad. Si la conocían mal se debía únicamente a las condiciones materiales de la civilización de su tiempo; al haberse olvidado el griego, se limitaban tan sólo a la Antigüedad latina. Y esta Antigüedad la conocían muy mal porque no disponían de textos correctos y porque la enseñanza estaba organizada de tal forma que no habían pasado por un aprendizaje de la técnica histórica y filológica. (LEFEBVRE, 1974:48)

detecta-se na própria fala de Lefebvre quais as rotas tomadas pelos pensadores para aumentar e dar um embasamento mais firme ao seu conhecimento: recorrer à História e à Filologia. Um recurso que redundará num percurso longo, pois evidencia

que mesmo as técnicas de pesquisa nestas áreas deverão ser construídas. Sobre isso, deixemos novamente a palavra a Lefebvre:

aunque en muchos aspectos no fueron historiadores, contribuyeron considerablemente a despertar el espíritu histórico. Todos eran bibliófilos y coleccionistas incomparables de manuscritos, descubrieron gran número de ellos, copiaron inscripciones – que ni siquiera hoy existen – y crearon las primeras colecciones. (LEFEBVRE, 1974: 63-64)

O raio de alcance destes pensadores pode ser dividido em e direcionado para duas grandes esferas de atuação: o da historiografia e o do campo das artes, conforme veremos adiante, já que, por ora, convém seguirmos nossa linha temporal.

Creemos que, a partir deste momento de nosso trabalho, dois campos devem ser observados mais amiúde: os da produção artística e o da historiografia que a partir desse momento se constrói acerca do mundo antigo. Destes, o segundo nos demonstrará a práxis levada a efeito pelo Ocidente do conhecimento – para além do filosófico e do tecnológico – da Antigüidade; o primeiro nos dará informes sobre como foi construída a visão daqueles homens sobre o mundo antigo e como a civilização greco-latina seria transformada em totem identitário da civilização ocidental, situação que os séculos seguintes alterariam sem no entanto depor completamente. Portanto, a seguir continuaremos a enveredar pelo exame de como constituiu-se o conhecimento histórico e a historiografia mesma ao longo desse período e, a seguir, analisaremos a práxis artística, fruto dessa mesma visão.

A constatação da necessidade do aprendizado da língua grega, pois seu manejo, conforme mencionado por Lefebvre, seria de máxima ajuda para o aprofundamento do conhecimento do mundo antigo, ensinará não somente a retomada de seus estudos mas igualmente a redescoberta de seus autores, como Aristóteles, pelo Ocidente. Nesse aspecto, acreditamos que o comentário de Lefebvre acerca dos efeitos deste retorno às línguas antigas – seria prematuro já denominá-las “clássicas” – no Renascimento, possa também ser dito a respeito deste período:

El Renacimiento ha ejercido igualmente su influencia sobre el método: ha dado lugar a la filología, es decir, al estudio de los textos. Como consecuencia, desarrolló prodigiosamente la erudición, o sea, la condición *sine qua non* de toda historia digna de este nombre. (LEFEBVRE, 1974:56)

Portanto, tenha-se em mente a seguinte afirmação de Gérard Mairet sobre o papel que estas línguas desempenharam nesse processo: “La renaissance du grec et du latin ne sont pas des retours en arrière, mais un recommencement, au-delà de ce qui n’a été qu’une nuit sans fin, de l’homme”. (MAIRET, in CHÂTELET, 1978: 240)

O já mencionado acesso à obra de Aristóteles – feito inicialmente através das traduções realizadas pelos árabes em Toledo e em Alexandria, e mais tarde diretamente no original - levantará questões doutrinárias no próprio cristianismo e os questionamentos proferidos serão de tal monta que a Universidade de Paris proibirá, em 1210, o ensino deste autor. Contudo, como tal proibição não cessará o debate, caberá a S. Tomás de Aquino formular as bases de um pensamento que sintetize as duas ideologias, compare-lhes os sistemas, diminua-lhes as oposições e crie-lhes uma simbiose em que o pensamento pagão antigo fornecerá lastro e solidez ao pensamento cristão da Baixa Idade Média.

Desta forma, o primeiro recurso, intencional e organizado, realizado pelo Ocidente à a produção cultural greco-latina será levado a efeito para reforçar as bases dos paradigmas religiosos de que até então se valia para justificar-se. Contudo, este processo será semelhante a um “efeito dominó”: ao valer-se do conhecimento antigo para resolver as questões criadas por sua expansão, o pensamento da Europa ocidental deparar-se-á com novas questões, que aquele mesmo conhecimento propunha. O processo de efervescência cultural iniciado e desenvolvido com o fim de dar conta a todas estas questões será o primeiro momento em que a Europa, às vésperas da Idade Moderna, moldar-se-á como entidade cultural autônoma e complexa, porém integrada. É a partir dessa integração entre as diversas culturas desta Europa *atlântica* que afirmaremos nascer o que chamamos “civilização ocidental”.

Se ficou patente que é a partir do século XIII que o Ocidente retorna à fonte antiga para buscar compor-se enquanto entidade cultural e isso configura o processo de estruturação do Ocidente enquanto tal, que fique também patente que, embora nesse momento o recurso à cultura da Antigüidade – apesar de providencial - ainda não havia conferido a esta a posição semelhante à *Aurea prima sata aetas* ovidiana que ocuparia no momento subsequente. Acreditamos, porém, que muito desta posição se deve ao momento histórico em que a Antigüidade começa a ser mais bem conhecida: a chamada crise do século XIV.

É no século XIV que serão colocados diversos obstáculos que impossibilitarão a continuidade do mundo feudal tão como se constituía: sendo um sistema socioeconômico baseado na posse da terra e na produção agrícola, este se desorganizaria completamente pelas décadas seguidas de quebra das colheitas causadas por invernos rigorosos<sup>3</sup>; tendo a nobreza estabelecido hereditariamente seus quadros de poder, estes seriam esvaziados pela seqüência infinda de guerras (dos Cem Anos, Cruzadas, Reconquista etc.) de que o Ocidente será palco naquele período; por fim, não devemos deixar de contar também com a Peste Negra – que rapidamente dizimaria um terço da população européia.

Tal crise no sistema feudal deslocará novamente o eixo econômico para as cidades e proporcionará o surgimento de uma nova classe social: a burguesia. Ora, vida urbana e incremento da atividade comercial – e marítima – eram os novos

fundamentos da sociedade pós- crise, mas também foram os fundamentos da sociedade antiga, assim, é lícito pensar-se que, para os pensadores do século XIV, a busca por maiores conhecimentos acerca de uma sociedade que deveras se assemelhava a esta que no presente se vinha delineando corresponderia de fato a uma melhor compreensão do presente. O nome de “Renascimento” que se dará ao processo que ora começa a engatinhar, vai portanto além dos campos cultural e social: o econômico também terá aí um espaço bem demarcado, pois o que renasce é toda uma organização social que guarda íntimas relações de semelhança com aquela da Antigüidade, conforme nos atesta Mairet:

Si ce qui est nouveau ne peut être perçu que par rapport à ce qui est ancien, alors la Renaissance est pour nous ce qu'elle était déjà pour les protagonistes d'alors: la réévaluation théorique et affective du rapport qu'entretient un *présent*, quel qu'il soit, avec son *passé*. Pour les hommes de la Renaissance, le passé, et donc l'origine de leur propre histoire, est dans l'Antiquité païenne, par-dessus le Moyen Age. Ce qu'invente la Renaissance, c'est donc *un lien*, le lien qui rattache toujours un présent à leur origine. Or, ce lien porte un nom qui nous est familier, c'est l'Histoire. Nous pouvons dire, au-delà de l'analogie, que, à la perspective spatiale découverte dans l'Italie renaissante, répond la perspective temporelle découverte et réfléchie comme histoire dans la France du XVI<sup>e</sup> siècle. (MAIRET, 1978:237)

Buscar-se este conhecimento na Antigüidade não responderia apenas à questão identitária, mas explicaria – e ofereceria rumo – para as das transformações do presente. Fica patente que, nesse momento, o conhecimento da História antiga desempenhará um papel-chave em todo o processo, sendo enormemente privilegiado, não só pelo desenvolvimento de suas técnicas, sobre o que cumpre retornar a palavra a Lefebvre, quem atesta que

El contacto íntimo con los historiadores de la Antigüedad, que los hombres de la Edad Media no conocían, o que conocían mal, acercó la historia a las formas practicadas por los más ilustres de esos maestros: Políbio, Tucídides, Tito Livio, y, por lo tanto, a los métodos de la historia explicativa, pragmática, oratoria. (LEFEBVRE, 1974:56)

afinal, dá-se não apenas um grande avanço nas técnicas de pesquisa histórica, mas também uma nova concepção do que seriam os estudos históricos e o papel mesmo da historiografia, pois, como assevera Collingwood (s/d):

No final da Idade Média, uma das principais tarefas do pensamento europeu era introduzir uma nova orientação nos estudos históricos. Os grandes sistemas teológicos e filosóficos que tinham fornecido uma

base para a determinação do plano geral da história *a priori* deixaram de merecer aceitação. Com o Renascimento, houve um regresso à concepção humanista baseada na dos antigos. A investigação rigorosa tornou-se importante porque as ações humanas já não eram reduzidas à insignificância em comparação com um plano divino.(...) Os frutos positivos deste novo movimento apareceram, primeiramente, numa grande superação do que havia de fantasia e de infundamentado na historiografia medieval. Mostrou-se, por exemplo, por intermédio de Jean Bodin, em meados do século XVI, que o tradicional esquema de períodos – os Quatro Impérios - não se baseava numa interpretação rigorosa dos fatos num esquema arbitrário, extraído do Livro de Daniel. (COLLINGWOOD, s/d:98-99)

Mas cabe atestar também que, num efeito reverso, o conhecimento da História antiga contribuirá para a construção de todo um imaginário acerca do mundo antigo; um mundo que, com todas suas crises, parecerá, aos olhos do pensador que presencia a crise do século XIV, uma verdadeira “era de ouro”.

Vimos pois que, a partir da mencionada transformação do juízo de valor em torno a Aristóteles, que será um verdadeiro *nihil obstat* eclesiástico aos autores antigos e ao conhecimento que estes comportavam, detona no Ocidente um processo de (re)descoberta, (re)leitura e (re)valorização que desembocará, a partir do século XIV, no Humanismo e em seguida e paralelamente, no Renascimento – fato que consolida aquela supra-citada integração cultural do Ocidente pré-moderno<sup>4</sup> - os quais terão um impulso extraordinário no século XV, ocasionado pela fuga em massa dos eruditos de Constantinopla, após a queda desta cidade em mãos dos turcos em 1453.

Respeitando porém o limite que esta data, considerada como o fim da Idade Média, impõe, deter-nos-emos do exame histórico/historiográfico para voltarmos para a análise das transformações que se operam no âmbito artístico, pois, como dito, convém perceber que o campo das Artes não será imune a estes avanços, e a pesquisa de textos da Antigüidade trar-lhe-á, nesse momento, além de forte impulso, grandes reflexos na concepção da Arte, e na execução da Literatura e da Pintura, principalmente. Tais transformações e reflexos serão a práxis do Renascimento, e constituirão – pelo papel que é inerente à Arte – a face visível a identidade ocidental e o elo mais forte desta com a Antigüidade.

Tendo recebido, pela proximidade geográfica, a maioria dos eruditos em fuga de Constantinopla recém-conquistada pelos turcos, as cidades-estado italianas serão as primeiras a receberem o impacto do conhecimento acerca do mundo antigo trazidos por estes sábios. Basta dizer, sobre este conhecimento, que fechará definitivamente as lacunas sobre o conhecimento acerca do mundo grego e, como prova, será o que permitirá que, séculos mais tarde (1609), Lope de Vega possa

assim expressar-se sobre o gênero comédia:

Aristóteles pinta en su Poética  
(puesto que escuramente su principio)  
la contienda de Atenas, y Megara  
sobre cuál de ellos fue inventor primero  
los megarenses dicen que Epicarmo,  
aunque Atenas quisiera que Magnetes,  
Elio Donato dice que tuvieron  
principio en los antiguos sacrificios;  
da por autor de la tragedia Tespis,  
siguiendo a Horacio que lo mismo afirma,  
como de las comedias a Aristófanes,  
Homero a imitación de la Comedia  
la Odisea compuso, mas la Ilíada  
de la tragedia fue famoso ejemplo,  
a cuya imitación llamé epopeya  
a mi *Jerusalén* y añadí *trágica*  
y así a su Infierno, Purgatorio y Cielo  
del célebre poeta Dante Aligero  
llaman Comedia todos comúnmente  
y el Maneto en su prólogo lo siente. (LOPE DE VEGA, 1992:44)

Pode-se imaginar o quanto de esclarecimento acerca de si própria a Itália não terá obtido através destes homens mas, muito além disto, acelera-se o processo de incorporação daquelas novas tecnologias que resultarão nas transformações da Idade Moderna. Mas importa também perceber que, apesar de centrado na Itália, o Humanismo irradia-se agora e sempre para o Ocidente e não mais para um Mediterrâneo (quase) então inteiramente muçulmano.

Obviamente, tamanha enxurrada de conhecimento e de novas perspectivas serão lenha para a ebulição que já se prefigurava desde o século XIII, mas, neste momento, devemos antes deixar nítido que a visão agora conferida pelos homens do Humanismo à cultura greco-latina como um todo, passará a delinear-se em escala bem alheia àquela dos padrões estritamente religiosos de que se valeram os contemporâneos de São Tomás de Aquino.

Deve-se primeiramente atentar para a produção pictórica de Giotto e a revolução que ocasionara ao representar o céu na tonalidade azul e não na dourada recomendada pela Igreja para representação da residência de Deus, também devemos considerar a desobediência em relação a representar os seres dimensionados pelo seu valor perante a Divindade: os vegetais menores que os animais, estes menores que os homens, estes que os santos etc. Giotto inaugura –

e após ele toda a pictografia ocidental – a perspectivização<sup>5</sup> do olhar, dando início àquele processo de “ditadura do olhar” detectado por Foucault. Giotto não será perpetuado por ter sido o mais hábil dos pintores de seu tempo, mas por ter aplicado à risca os preceitos recomendados por Horácio em sua *Epistula ad Pisones*:

Ut pictura poesis: erit quae, si propius stes,  
te capiat magis, et quaedam, si longium abstes,  
haec amat obscurum, uolet haec sub luce uideri,  
indicis argutum quae non formidat acumen;  
haec placuit semel, haec deciens repetita placebit. (HORÁCIO: 1911: 618)6

Como contribuição direta da Antigüidade sobre a arte pictórica renascentista temos a valorização do livro XXXV da História Universal de Plínio, o Velho. De fato, a arte pictórica renascentista se apóia em três bases, segundo Dauzat: “La première, issue de Cicéron et de Pétrarque, est centrée sur l’analogie entre la peinture et la littérature. La deuxième, plus localisée, est issue de Plin. (...) La troisième, qui n’est pas totalement absente mais garde une importance mineure chez Plin, sera celle de l’*ekphrasis*.” (DAUZAT; 1997:15).

É neste roldão que começará a atribuir-se aos textos da Antigüidade, valor paradigmático para a criação artística, como se pode exemplificar, tomando-se o caso específico das manifestações literárias produzidas já nas línguas vulgares: não é destituída de malícia a “pura homenagem” feita por Dante a Virgílio em sua *Comédia*. Virgílio aí está para corroborar as teses que Dante apresentara em seu *De uulgari eloquentia*, em que, destituindo o latim de seu papel de língua literária, recomenda outrossim os escritores latinos como modelos para as formas literárias a surgir, mesmo – e principalmente se – se produzidas em língua “vulgar”, Dante será o primeiro a conferir aos autores latinos o estatuto de modelo para a produção literária, no que de perto será seguido por Petrarca e Boccaccio, entre outros.

Entretanto, a recomendação de Dante, embora tenha dado impulso ao florescimento das literaturas nacionais, temos, concomitantemente, o reflorescimento de uma literatura humanista produzida em latim, de copiosa produção e –segundo a crítica – de excelente qualidade. A este respeito, optamos por transcrever aqui – citação longa, porém necessária – texto de Roland Mousnier:

Os humanistas exprimiram-se através de uma valiosa literatura em latim.(...) A primeira honra para um humanista é confiar o seu pensamento a belas frases latinas. Julgam, tal como o cardeal Bembo, que “assim como existe em Deus certa forma divina da justiça, da temperança e das outras virtudes, há nele, também, certa forma divina do estilo acabado, um modelo absolutamente perfeito... Devemos ... tentar aproximar-nos o mais que soubermos e pudermos desta imagem da beleza...” Os

humanistas encontraram tal imagem em Cícero, recusando-se a empregar palavras diferentes das suas: da Itália, o ciceronismo conquistou a Europa. O entusiasmo pela Antigüidade era tal que a República (de Veneza), os príncipes e os papas consideravam os humanistas como secretários indispensáveis. A correspondência latina deste tempo representa espantosos exercícios de estilo, com períodos harmoniosamente cadenciados, com palavras significativas, bem escolhidas e enlaçadas com arte. O assunto não tem a mínima importância. Os humanistas escreveram muitas Histórias, compostas, distribuídas com ordem, vivas, escritas à maneira de Tito Lívio, com personagens tratados como heróis romanos. Fizeram, principalmente, uma poesia latina, na maioria das vezes imitada de Catulo, Virgílio, Ovídio, mas brilhante de engenho, delicadeza e arte, onde aprenderam a exprimir diretamente os sentimentos verdadeiros, a estimar a forma, a escolher os vocábulos, discernir os matizes, compreender o valor dos ritmos e das palavras. Os italianos Beccadeli, Pântano de Nápoles (morto em 1503), Poiziano, de Florença (morto em 1494), Marulo (morto em 1500), Navagero de Veneza (morto em 1523), foram imitados em toda a Europa onde a poesia latina, praticada desde bem cedo, tomou grande surto a partir de 1503. Na França existiram 109 poetas latinos no século XVI. Esta literatura produzia nos estudantes o efeito de uma boa retórica. Os escritores utilizavam-na para aprender a arte de escrever. Todos os poetas em língua nacional começaram pelos versos latinos. (MOUSNIER, 1957:30)

Tanto a veracidade do exposto por Mousnier como a fertilidade desta produção em língua latina podem ser auferidas por dois fatos: *a*), ter alcançado a recém-descoberta América, onde mesmo no Brasil escreveu-se em latim; e, *b*), ser praticada ainda no século XIX, onde um jovem Jean-Arthur Rimbaud ganharia prêmios de composição latina aos doze anos. Mas, tão importante quanto avaliar o papel das artes literárias humanista e renascentista na produção cultural do Ocidente é termos a possibilidade de contemplar em panorâmica o impacto que estas provocam na visão do Ocidente sobre si próprio. E isto pode ser aquilatado através de exemplo oriundo da literatura mesma, na carta que Gargantua, personagem-título da obra de François Rabelais (1535) envia para seu filho Pantagruel, onde, em determinado trecho, se lê:

(...) você pode perceber que, para a educação, as condições não eram favoráveis como são hoje. Nem eu tive professores tão capazes como você. Nós ainda estávamos na idade das trevas; ainda caminhávamos na sombra das nuvens escuras da ignorância, sofríamos as calamitosas conseqüências da destruição da boa literatura pelos Godos. Agora, pela graça de Deus, a luz e a dignidade foram restituídas às letras e eu

vivi para vê-lo. De fato, eu assisti tamanha revolução na educação que eu, não erroneamente reputado em meu tempo o mais sábio do século, teria dificuldade para freqüentar a primeira classe de uma escola de gramática. Hoje as antigas ciências estão restauradas, o conhecimento está sistematizado, a disciplina restabelecida. As línguas estão restituídas: o grego sem o qual o homem sentir-se-ia envergonhado de considerar-se educado; o hebraico, o latim. A imprensa está agora em uso, uma arte tão apurada e elegante que trai a divina inspiração de sua descoberta, que eu vivi para testemunhar (...) entretanto eu não fui poupado ao horror de feitos diabólicos como a pólvora e a artilharia. Hoje o mundo está repleto de homens sábios, professores brilhantes e vastas bibliotecas: eu não acredito que a idade de Platão, Cícero dispuseram de tamanhas facilidades para a cultura. Daqui em diante é impensável apresentar-se em público ou mover-se em círculos polidos sem ter adorado a oficina de Minerva. (RABELAIS, 1957:62)

Mesmo a mais superficial análise do texto de Rabelais não deixará de perceber o fascínio eufórico com que Gargantua celebra o tempo em que vive. Mas pode-se perceber também, em Rabelais, o ardente desejo de restauração daquilo que fora um dia propugnado pelos antigos; porém, ao falar-se de Rabelais, seria melhor ceder a palavra a Mikhail Bakhtin:

Sua posição no domínio da ciência e da cultura era também direta, franca e sincera: ele era um adepto convicto da instrução humanista com os seus métodos e apreciações novos. Em matéria médica, exigia o retorno às fontes verdadeiras da Medicina antiga: Hipócrates e Galeno, e era adversário da Medicina árabe, que pervertia as tradições antigas. Em matéria de Direito, reclamava igualmente o retorno às fontes antigas do Direito romano, inalteradas pelas interpretações bárbaras dos exegetas ignaros da Idade Média. Em arte militar, em todos os domínios da técnica, nas questões de educação, de arquitetura, de esporte, de moda, da vida corrente e dos costumes, era partidário convicto de todas as inovações de vanguarda, de tudo o que vinha da Itália num poderoso e irresistível ímpeto. Em todos os domínios que deixaram marcas na sua obra (uma obra verdadeiramente enciclopédica), ele foi o *homem de vanguarda do seu tempo*. Possuía uma percepção excepcional do novo, não simplesmente da inovação e da moda, mas do novo essencial que *nascia* efetivamente da *morte do antigo*, e ao qual pertencia verdadeiramente o *futuro*. BAKHTIN; 1993: 399, grifos do autor.

Se tal pode dizer-se a respeito de Rabelais – e selecionamos tal autor para demonstrar o alcance, para além da Itália, dos ideais que defendia, cremos que seja igualmente extensivo aos demais nomes que, durante o Renascimento, foram de destaque.

Percebam-se contudo dois pormenores: *a*), estar na vanguarda significava, paradoxalmente, retornar a um passado que se acreditava luminoso e digno; *e*, *b*), esse retorno ao passado não é completamente restauracionista, mas visa principalmente acelerar o desenvolvimento artístico e tecnológico de um presente no qual Rabelais não deixa de sinalizar pontos negativos, como a pólvora. Assim, o Renascimento será ambivalente em relação à cultura antiga, toma-a por modelo, mas a ela não se restringe.

Esta entusiasmada defesa dos valores e do conhecimento do mundo antigo, realizada por elementos vinculados às mais diversas áreas do conhecimento então existentes, evidenciará a necessidade de denominar-se estes mesmos valores e conhecimento sob um título comum, para que melhor se o pudesse manusear; será portanto neste momento que se lhe outorgará o epíteto “clássico”, advindo do adjetivo latino “*classicus*, -a, -um”, usado em náutica para especificar as melhores categorias de embarcações – traíndo a idéia de que, semelhantemente a uma balsa, aquele conhecimento possa conduzir a bom porto. Nasce pois a idéia de uma cultura “clássica”, de um passado longínquo e que se contraporia à do passado recente (i.e., medieval), a qual se cumpriria resgatar.

Entretanto, convém recordar que, mesmo se esta cultura “clássica” é erigida como “modelo” – na acepção de Virgínia Fontes – da cultura ocidental, esta cultura importa antes pelo que os homens dos séculos XV e XVI pensavam que ela pudesse ter sido do que pelo que ela de fato foi<sup>8</sup>. Assim podemos dizer que, metaforicamente, o olhar que o Ocidente dirige à Antiguidade é semelhante ao de Dom Quixote ante os moinhos: um olhar que mesmo não vendo a realidade, consegue ainda assim construir toda uma realidade própria, mais duradoura que aquela que não vê, pois a relação que, no Renascimento, o Ocidente estabelece com o passado, com sua “origem”, ainda, segundo Gérard Mairet, se mantém:

Retour à l'Antique, au modèle antique de l'homme, certes, mais c'est toujours en vue du présent, cette condition première de l'avenir. Si donc nous disons que cette situation est encore la nôtre, ce qui permet de parler de l'idéologie de la Renaissance dans les deux sens de l'expression, c'est que nous vivons aujourd'hui – au XXe siècle comme hier au XIXe – cette situation inaugurée par les hommes du XVIe siècle. Nous n'avons pas, depuis lors, inventé une autre représentation de l'origine que celle qui avait cour à Florence ou dans les cercles d'érudits de Toulouse ou de Paris. Dans son principe, nous vivons le même rapport au passé que les hommes de la Renaissance: ce qui a changé c'est la documentation, le matériel, le vocabulaire, pas assez cependant pour faire basculer la représentation de notre devenir. Que quelques signes apparaissent ici et là attestant du contraire ne change rien à la forme elle-même: nos sociétés ont besoin d'une mémoire qui manifeste la légitimité de leur présent. (MAIRET; 1978:240)

A razão da longevidade desta relação parece-nos repousar no fato do Ocidente ter conseguido transformar *identidade* em *compreensão de mundo* e em *ideologia*. A compreensão de mundo, segundo a lógica ocidental, encontrará sua síntese numa organização da realidade como algo mensurável no plano bidimensional do espaço e do tempo cartesianos, passível de ser submetida à perspectiva pictórica e/ou científica de um Leonardo ou de um Galileu; cultuando uma noção de Belo representada em máximo expoente na pintura de Miguelângelo ou de Rafael e cujas raízes vêm direto do jardim onde se realizara o banquete de Platão. Mas será, ainda e sobretudo, uma compreensão de mundo construída *na* e *pela* História. História esta que subsidia a reflexão sobre, o resgate e o reflexo da civilização greco-latina na civilização atlântica; e, o que é ainda mais surpreendente, esta é uma ideologia que se mantém, apesar de nossa posição sobre a cultura clássica ter sofrido pelo menos duas guinadas expressivas nos últimos séculos, como abordaremos ainda.

Quanto à ideologia, basta constatar que é a partir desse momento histórico que, definitivamente, se instaura uma relação simbiótica em que o Ocidente amplia as bases de sua própria identidade, a qual se baseará agora no trinômio cristandade, herança clássica e desenvolvimento tecnológico, sintetizados enfim numa ideologia em que se formulam os paradigmas para as diversas atividades do conhecimento tal como se desenvolverão sem grandes incidentes<sup>9</sup> pelo menos até a Revolução Francesa (1789), a partir da qual serão configurados novos posicionamentos tanto para a identidade do Ocidente como para sua relação com a cultura clássica. Contudo, mesmo estes novos posicionamentos não serão capazes de descartar o papel ou a importância do clássico como totem identitário, isto é, aquele ancestral mítico eleito como referencial comum a toda uma coletividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*, São Paulo: Cultrix, 1992.
- BAINVILLE, Jacques. *Histoire de France*. [s.l.]: Arthème Fayard, 1924. Le livre de poche historique, 513-14.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. 2 ed., São Paulo/Brasília: EdUNB/Hucitec, 1993.
- CHÂTELET, François (org.). *Histoire des Idéologies 2 - De l'Église à l'État* (du IX<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle) Paris: Hachette, 1978.
- COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de História*. Lisboa: Presença, s/d. Coleção Biblioteca Histórica 2.
- DAUZAT, Pierre-Emmanuel. “Introduction” in: PLINE L' ANCIEN. *Histoire Naturelle XXXV – La Peinture*, Paris: Les Belles Lettres, 1997 (7-22)
- FONTES, Virgínia. “História e Modelos” in: CARDOSO, Ciro Flammarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. São Paulo: Campos, 2003.
- HORÁCIO, *Œuvres*. 14 ed., Paris:Hachette, 1911.
- LEE, R. W. *Ut pictura poesis – La teoría humanística de la pintura*. Madrid: Cátedra, s/d.

- LEFEBVRE, G. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona: M. Roca, 1974.
- MAIRET, Gérard. “L’idéologie de l’Occident: signification d’un mythe organique” in: CHÂTELET, François (org.). *Histoire des Idéologies 2 - De l’Église à l’État (du IX<sup>e</sup> au XVII<sup>e</sup> siècle)*
- MALDONADO, Concepción (org.) *Diccionario didáctico Latín-Español Español-Latín*. Madrid: Ediciones SM, 2002.
- MOUSNIER, Roland. *Os Séculos XVI e XVII: o Progresso da civilização europeia*. São Paulo: Difel, 1957. (História Geral das Civilizações, Volume I, tomo IV)
- PLINE L’ANCIEN. *Histoire Naturelle XXXV – La Peinture*, Paris: Les Belles Lettres, 1997 (17-22)
- RABELAIS, François. *Gargantua*. 3 ed., São Paulo: Atena, s/d. Biblioteca Clássica 8.
- VEGA, Lope de. “El Arte Nuevo de Hacer Comedias” in: CHECA, Jorge (org.). *Barroco Esencial*. Madrid: Taurus, 1992. p. 44-54.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Aqui entendido como rede de discursos relativos a um tema.
- <sup>2</sup> Até porque as outras opções possíveis seriam: a formulação de toda uma vertente nova de pensamento filosófico – demorado e sem garantias de êxito – ou buscar as respostas no Islã – totalmente fora de questão.
- <sup>3</sup> Alguns geógrafos e climatologistas chegam a considerar ter havido, então, uma “mini”-era glacial.
- <sup>4</sup> Optamos aqui pelo Humanismo em virtude de seu caráter mais universalista que o Renascimento, uma vez que é discutível ter este último ocorrido em toda a Europa ocidental – como no caso espanhol.
- <sup>5</sup> Descobertas recentes em Pompéia e outros sítios arqueológicos demonstram que também a perspectiva já era conhecida dos antigos, tendo contudo caído em esquecimento durante a Idade Média.
- <sup>6</sup> “Poesia é como pintura; uma te cativa mais, se te deténs mais perto; outra, se te pões mais longe; este prefere a penumbra; aquela quererá ser contemplada em plena luz, porque não teme o olhar penetrante do crítico; essa agradou uma vez; essa outra, dez vezes repetida, agradará sempre”. Veja-se, sobre esse assunto: LEE, Rensselaer W. *Ut pictura poesis – La teoría humanística de la pintura*. Madrid: Cátedra, s/d. (*A Epistula ad Pisonem é também conhecida como a “Arte Poética”* de Horácio, os versos citados são os de número 361 a 365.)
- <sup>7</sup> Sobre estes tópicos, vejam-se respectivamente os seguintes artigos de nossa autoria: PITA, L.F.D. “*De Gestis Mendi de Saa: uma epopéia latina na América*” In: SILVA, José Pereira da (org.). *Filologia, Literatura e Linguística Cadernos do CNLF*, vol. VI, n 4 (2003) 70-79., e PITA, L.F.D. “Arthur Rimbaud, poeta latino do século XIX” In: *Revista Principia*, n. 12. Rio de Janeiro: Dep. de Letras Clássicas e Orientais do Institute de Letras da UERJ, 2004. 6-20.
- <sup>8</sup> Em verdade, será apenas a partir do século XIX que se buscará ver a Antigüidade pela ótica da comprovação empírica dos fatos enunciados, atitude que não deixa de ser, em suma, reflexo do método científico desenvolvido durante o Renascimento.
- <sup>9</sup> Mesmo a *Querela dos Antigos e dos Modernos*, que mais afetaria nosso tema, resultará antes num reequacionamento do peso da cultura clássica ante o desenvolvimento das artes ulterior ao Renascimento que no descarte desta cultura.

## AS TECELÂS E O FIO

Prof. Dr. Airto Ceolin Montagner (UERJ / Unigranrio)

### RESUMO:

A arte de tecer sempre foi associada à arte de escrever. Duas narrativas mitológicas de objetivos didáticos revelam a origem das metáforas aplicadas ao texto em que a arte do tecelão, do tintureiro e do costureiro compõe um léxico especializado para a arte de escrever.

**PALAVRAS-CHAVE:** mito, fio, texto, enredo.

Perder o fio da história ou o fio da meada, urdir uma trama ou uma teia, significando ter um projeto de narrativa, costurar o enredo, se uma história acaba, eis seu fio desvendado. São muitas expressões que renderam algum encanto durante muito tempo, embora hoje sejam consideradas lugar comum; ainda mais, apagaram-se as lembranças de sua etimologia.

São metáforas urdidas na Antigüidade, mas que eclodem e ganham *status* no período medieval, quando se costumava associar ao ato de escrever tudo quanto era aplicado às ações do artesão da tecelagem como também as do tintureiro e do costureiro. Urdir, tecer, colorir o texto, cortar o desnecessário etc. são algumas palavras ainda hoje aplicáveis à tarefa de elaborar um texto. O autor medieval podia inserir estrofes de canções num romance cortês para dar colorido ao texto. Ou, então, confeccionar trovas ou canções como se fabrica, a partir de um pano, um capelo. A seu bel prazer, uma vez acabada sua obra, julga se ela está bem ou mal costurada.

O texto é antes de tudo um tecido, textura. É elaborado ao custo de uma luta contra a incoerência e a deslocação. Segundo Cícero, em *De Oratore* III, 191, a *unctio* designa a arte de reunir ritmicamente as palavras num período, e a *conjunctio* remete à ligação harmoniosa dos vocábulos que dá ao estilo *suavis* toda uma elegância. Em *Orator* XVI, 52, expõe que o texto é tão flexível e maleável que cede a todas as torções que podemos imprimir-lhe. Compara a palavra a um fio que estendemos ou distendemos segundo as circunstâncias em que o discurso de desenrola.

Como se pode ver, desde a Antigüidade os autores associam o texto ao fio, e à linguagem da arte de tecer. Por isso, nosso objetivo aqui é rememorar duas lendas que se referem à tecelagem como arte, donde também se originam as metáforas relativas ao arranjo textual.

No início do Livro VI das *Metamorfoses* de Ovídio, narra-se o mito de Palas (Minerva) e Aracne, no qual Aracne se lança contra a deusa protetora das artes da fiação e da tecelagem. O nome da deusa está tão ligado a essa arte que poderá ser tomado como antonomásia da arte de tecer e bordar, e o atelier das mulheres tecelãs equivalerá a um templo em sua honra.